

DIVERSIDADE MUSICAL: EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO

Rodrigo Oliveira de Souza

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Rodrigo.n.Souza43@gmail.com

Pôster

Resumo: O relato a seguir refere-se à minha experiência enquanto bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) e estagiário de uma escola estadual da Região Norte do Brasil com três turmas de primeira série do ensino médio (faixa etária de 14 a 17 anos). Nele, discuto minhas dificuldades e expectativas na escolha de conteúdos que pudessem despertar o interesse nos alunos para as aulas de música.

Palavras chave: gosto musical; diversidade; cultura.

Introdução

Ao iniciar minhas práticas de ensino musical na escola, busquei aplicar conteúdos musicais em que eu me sentia mais seguro e depositava um gosto próprio ao assunto. Após leituras sobre educação musical e diversidade decidi trabalhar os conteúdos de música a partir dos gostos musicais dos alunos, dessa maneira senti um maior interesse dos alunos em relação às aulas de música. Espero que este relato de experiência possa inspirar outros professores a trabalhar conteúdos musicais a partir dos gostos musicais dos alunos advindos de diversas culturas.

Na primeira parte do relato conto como foram minhas primeiras atividades, e de como se sucedeu este ensino para com os alunos, detectando os primeiros problemas na aplicação de minhas atividades, por falta de uma melhor observação das turmas. Na segunda parte, relato reflexões e observações sobre as turmas em busca de uma melhor prática do ensino de música. Também apresento embasamentos teóricos que me levaram a pensar o ensino de música a partir da diversidade cultural. Em um terceiro momento conto como foi à recepção dos alunos para com a ideia de trabalhar músicas em diferentes contextos culturais na sala de aula. Trago, nas considerações finais, apontamentos sobre a maneira como tenho pensado o ensino de música na educação básica, em especial para o contexto no qual estou inserido.

Primeiras atividades

Minhas expectativas antes de iniciar a prática docente no ensino médio eram de muita preocupação, por conta, primeiramente, da faixa etária dos alunos, bastante próxima da minha. Pensava de que maneira conquistaria o respeito dos alunos. Depois senti também dificuldade na escolha de quais conteúdos seriam mais interessantes a serem trabalhados. Organizei minhas aulas pensadas em gerar um gosto nos alunos pela apreciação de música erudita.

Em um primeiro momento, organizei o desenvolvimento dos conteúdos da música de maneira bastante teórica. Essa maneira de trabalhar a música pareceu não motivar os alunos, que não participavam e não se envolviam com as aulas. Uma das atividades que propus relacionada às propriedades sonoras teve como base as ideias de SHAFER, no qual ele trabalha as propriedades sonoras ligadas a texturas musicais. Assim como SCHAFFER (2011 p. 33), O meu objetivo com os alunos em relação a essa atividade era mostrar que um dos papéis dos compositores musicais é de usar esses materiais sonoros (intensidade, duração, altura e timbre) para produzir “algo com significado e movimento”. A atividade que realizei relacionado a texturas musicais se deu da seguinte maneira: após explicações teóricas sobre propriedades sonoras, coloquei a obra de Claude Debussy “A Tarde de um Fauno” para tocar e no término da música, perguntei aos alunos o que eles percebiam em relação às propriedades dos sons da música, se eram longos ou curtos, se eram graves ou agudos, e então relatei e mostrei que a música de Debussy é percebida por mim e fiz com que os alunos percebessem, como uma música de caráter leve ou algo triste baseado no fato dos sons apresentados nela serem graves e longos.

As duas aulas planejadas com essas propostas foram bastante conturbadas. Senti uma falta de interesse enorme por parte da turma em que esses conteúdos foram aplicados. Os exemplos musicais trazidos por mim para a sala de aula eram os mesmos que se utilizou SHAFER (2011, P.34): A Tarde de um Fauno de Claude Debussy E Noite Numa Montanha Deserta de Modest Moussogsky. Quando percebi que as aulas pareciam não contribuir com a musicalidade nos alunos, que demonstravam não entender e nem gostar de música erudita, decidi conversar com eles acerca de novas propostas para o ensino de música a serem trabalhados na sala de aula,

inspirado em leituras sobre educação musical e diversidade. A ideia, então, surgiu de que os exemplos musicais trazidos para explicar os conteúdos de música seriam próximos dos contextos dos alunos e de comum acordo entre a turma. Ainda assim, pelo fato de atender a um determinado grupo da sala, já que foram poucos os alunos que me deram ideias de músicas, a aula continuou sendo cansativa e pouco interessante. No entanto, alguns conhecimentos foram bem compreendidos pelos alunos, já que possibilitei que percebessem alguns elementos musicais em músicas ouvidas em seus cotidianos. A harmonia foi o elemento mais complicado de se entender na música, porém, conteúdos como melodia e ritmo ficaram bem esclarecidos no que diz respeito à percepção auditiva dos alunos.

A ideia de música e cultura na sala de aula

Percebi que os alunos apresentavam diversos gostos musicais. Os que gostavam de Funk também gostavam de RAP e os que gostavam de Rock, em alguns momentos, gostavam de Sertanejo. A diversidade em relação aos gostos musicais não se dava somente pelo fato de um aluno gostar de RAP e outro de Forró. Cada aluno apresentava vários gostos musicais advindos de ambientes familiares, religiosos, e da própria troca cultural entre eles. O fato é que os alunos, devido ao processo de globalização, têm acesso fácil e rápido a vários estilos musicais. Por esse motivo, é possível escolher o estilo musical a ser apreciado dependendo do contexto em que o mesmo se encontra. Esse acesso fácil vem constantemente influenciando suas preferências podendo, vez ou outra, fazer com que o aluno mude seus gostos musicais ou acrescente novos gostos ao seu repertório no cotidiano. Para argumentar esta reflexão a respeito da globalização que influencia a vida musical dos alunos por meio do processo de globalização, trago o estudo de HALL (2006, P.87), sobre a identidade cultural na pós-modernidade que segundo ele, a globalização tem “um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas”. Isso se relaciona diretamente ao gosto musical dos alunos. Percebi que eles conhecem culturas diferentes por meio de músicas ou que buscam conhecer músicas a partir do momento em que se depara com uma cultura diferente da sua. Senti a necessidade de trabalhar

a música, vinculada à vivência cultural dos alunos. Escolhi trabalhar a importância da música em determinado meio cultural, em especial o da escola, dos alunos e da sociedade. Nessa perspectiva, QUEIROZ comenta o que a educação musical brasileira tem pensado sobre o ensino de música na educação básica:

[...] a educação musical brasileira tem focado sua atenção sobre os diferentes universos musicais do nosso país, buscando inter-relacionar aspectos mais abrangentes, “plurais”, do ensino da música com particularidades que configuram a nossa identidade musical. (QUEIROZ, 2004, p.100)

Buscar este reconhecimento nas músicas de diversas culturas tem sido um dos objetivos gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, (1998) para o ensino de música na educação básica:

Conhecer, apreciar e adotar atitudes de respeito diante da variedade de manifestações musicais e analisar as interpenetrações que se dão contemporaneamente entre elas, refletindo sobre suas respectivas estéticas e valores. (MEC / SEF, 1998, p.81)

Ao se incentivar a apreciação de diversas manifestações musicais, tanto aluno, quanto professor pode perceber a particularidade de cada música inserida em determinado contexto cultural. Particularidades essas que não podem ser ignoradas ou tidas como inferiores, pois como comenta Arroyo:

[...] nenhuma prática é melhor que outra, mas que cada uma deve ser compreendida no seu contexto de construção e ação (visão relativizadora); que o campo da Educação Musical comporta objetos de estudo para além dos cenários escolares e acadêmicos e que o pesquisador em educação musical “deveria procurar ideias e práticas que são apropriadas para certas situações”, ciente de que “pode haver múltiplas maneiras nas quais uma educação musical pode ser conduzida com integridade”(Jorgensen,1997, p. 92 e 66, respectivamente). (ARROYO, 2002, p.98)

Entendendo isso, surgiu a ideia de trabalhar gêneros musicais variados, sejam eles propostos por mim ou pela turma em questão. Os próprios conteúdos a serem trabalhados nas aulas foram potencializados, incluindo, por exemplo, timbres utilizados pelos compositores para determinados estilos musicais, significações das músicas para determinado grupo, escolha da

letra ou o ambiente a ser tocados. Trabalhar o conteúdo musical relacionado à cultura partiu do objetivo de proporcionar respeito, interação e compreensão de alguns dos diversos estilos musicais e culturas do Brasil e do mundo, possibilitando musicalidade de forma mais interessante na vida dos alunos.

A recepção dos alunos para com a ideia de música em diferentes contextos culturais

O primeiro estilo musical a ser trabalhado, já pensando nessa perspectiva de não apenas entender a música fechada em si, mas em sua relação com a cultura, foi Baião. A recepção por parte dos alunos foi de muito interesse. A classe já conhecia o ritmo, o que deixou a aula bastante dinâmica, onde não só eu expliquei sobre o Baião, como os alunos também puderam compartilhar seus conhecimentos.

Depois de conhecer o contexto histórico e os principais compositores em evidência nesse estilo, o passo seguinte foi trabalhar o seu ritmo apenas com sons do corpo. Nas primeiras aulas essa atividade não deu certo. Alguns alunos apresentavam mais musicalidade que outros e sendo que algumas células rítmicas eram complicadas para a maioria dos alunos.

Deixei de lado essa prática musical rítmica do Baião por um tempo, pois percebi que uma minoria da turma correspondia às atividades propostas. Decidi, então, trabalhar a Bossa Nova, um estilo musical um pouco mais distante que o Baião. Depois de conhecerem o contexto histórico da Bossa Nova, propus aos alunos que buscassem diferenças entre os dois estilos estudados, a Bossa nova e o Baião. Em um primeiro momento a diferença notada por eles foi em relação à letra seguida do ritmo. A turma, de certa maneira, dava respostas parecidas quanto às diferenças de cada estilo. Porém, o que mais me chamou atenção foi a percepção dos alunos com relação ao tipo de escrita identificada no Baião, essa, que segundo eles está mais próxima do português mais informal, e que diferentemente do Baião, a Bossa Nova tinha uma escrita do português mais formal. Identificaram, com isso, a linguagem e as expressões características da

região onde o Baião apreciado foi composto. Da mesma maneira, as diferentes músicas que a turma escuta possui “sotaques” e “expressões” distintas.

Acredito que a abertura para ouvi-los levou a turma a me ouvir também. Senti que eles estavam mais dispostos a conhecer músicas novas, de certa maneira pela proximidade com as músicas que eles costumam ouvir. O diálogo possibilitou uma esfera de contribuição, ora eles aprendiam, ora eu era o aluno.

Ao trabalhar as diferenças desses dois estilos em relação à letra, ao ritmo ou à harmonia, decidi, então, voltar para a aula que havia planejado a experimentação rítmica das músicas. Com a letra de Garota de Ipanema de Vinicius de Moraes e Antônio Carlos Jobim em mãos, propus aos alunos que fizessem uma breve experimentação rítmica dessa música com um grupo cantando enquanto outro grupo fazia o ritmo com os sons do corpo ou da cadeira, e eu os acompanhava com o violão. Depois, cantamos Asa Branca de Luiz Gonzaga e discutimos as diferenças dos estilos não só relacionado a questões musicais, como também os significados que essas músicas têm em determinados contextos. Senti que dessa maneira a música, primeiramente, e seus conteúdos foram muito bem compreendidos pelos alunos.

Considerações finais

Preocupe-me muito em não tratar as aulas de música apenas como forma de recreação, mas como fonte de conhecimento. Penso que é importante que os jovens participantes das aulas de música na escola na qual desempenho meu trabalho de educação musical como bolsista do PIBID, possam ter conhecimento dos vários significados que a música possui em diferentes contextos sociais e que saibam que cada cultura tem seu jeito próprio ou parecido de se fazer música. Os conteúdos musicais não foram trabalhados fechados em si, mas em suas relações com o meio sociocultural.

Acredito que trabalhando a diversidade musical advindas de diversas culturas diferentes, há muito com o que contribuir nesse ambiente escolar onde cada um carrega consigo suas

particularidades musicais sobre gostos e desgostos com certos tipos de músicas, possibilitando a abertura de espaços para discussões e reflexões. Assim, potencializa-se o respeito ao próximo e a aceitação de si, ao mesmo tempo em que se ampliam conhecimentos musicais.

Referências

ARROYO, Margaret. **Mundos Musicais**. EM PAUTA - V. 13 - N. 20 – JUNHO, 2002.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental)**. Brasília: MEC, 1998.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De Tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação**. 2ed. São Paulo: editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, p.99-107, mar. 2004.

SHAFER, R. Murray. **Ouvido Pensante**. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. 2.ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.